

**CABURÉ**

**Saberes Acadêmicos  
Interdisciplinares**

**V. 1, N. 1 (2018)**

## **A SECA EM ALAGOAS NOTICIADA**

**THE DRY IN ALAGOAS IN THE NEWS**

**Maria da Saúde Barros Nascimento**

Graduanda do curso de Letras-Língua Portuguesa, na UFAL-Campus do Sertão.  
Trabalho que fez parte do estudo realizado dentro do projeto de pesquisa intitulado *A construção enunciativo-discursiva da seca em Alagoas*, pertencente ao Grupo de estudos em Linguística Aplicada em questões do sertão alagoano (GELASAL), vinculado ao PIBIC 2017-2018.

sanasc364@gmail.com

## **Resumo**

Este artigo tem como objetivo fazer uma análise da seca discursivamente construída em notícias de jornais que circulam em Alagoas, procurando compreender quais os discursos que circulam e que sentidos são forjados a esse respeito, se são discursos de convivência com a seca ou de enfrentamento com essa, compreendendo a língua por uma perspectiva transversal, percebendo a prática social por uma perspectiva da Linguística Aplicada. Após as análises, compreendemos que o discurso que se repete nas notícias analisadas é o discurso que coloca a seca como culpada pelos problemas vividos pela população sertaneja, nordestina, precisando, portanto, ser enfrentada, combatida, e não um discurso de convivência. Logo, trata-se de um discurso político que não compreende a seca como sendo um fenômeno natural da região, já que se trata de uma região semiárida, em que ocorre um *déficit hídrico*.

Palavras-chaves: Nordeste; Seca; Enunciação; Discurso.

## **Abstract**

### **Abstract**

This article aims to make an analysis of the drought discursively constructed in news from newspapers that circulate in Alagoas, trying to understand which discourses circulate and what meanings are forged in about them, whether they are discourses of coexistence with drought or confrontation with this, understanding the language through a transversal perspective, perceiving the social practice from a perspective of Applied Linguistics. After the analysis, we understand that the discourse that is repeated in the analyzed news is the discourse that places the drought as a culprit for the problems experienced by the population of the Northeast, and therefore needs to be opposed, not a discourse of coexistence. Therefore, it is a political discourse that does not understand drought as a natural phenomenon of the region, since it is a region in which a water deficit occurs.

Keywords: Northeast; Dry; Enunciation; Speech.

## Considerações iniciais

Sempre que alguém fala de Sertão, Semiárido ou Nordeste, logo surge no pensamento uma ideia de lugar seco, sem vida, atrasado, isso porque esse espaço, essa região, é conhecido(a) como a região da seca. Mas, Molion (2016) explica que a seca é parte do clima dessa região, que, sendo uma região semiárida, o Semiárido, o Sertão, o Nordeste, tem um “déficit hídrico”, pois dependendo da área pode chover da ordem de 500mm a 800mm, enquanto a demanda de evaporação é da faixa de 2.500 mm.

Logo, são necessárias políticas de convivência com a seca, pois, segundo esse meteorologista, existem outras regiões no mundo que também têm o clima semiárido, em algumas até em situação pior, mas que não são comentadas porque em muitas dessas áreas já realizaram políticas públicas para conviver bem com esse clima. Albuquerque Júnior (2011) também se refere à seca como um fenômeno climático sobre o qual historicamente vem sido impressos significados. Mas que discursos realmente circulam sobre esse fenômeno nos diferentes gêneros discursivos? Tentando responder essa pergunta, o intuito deste trabalho foi fazer uma análise enunciativo-discursiva sobre a seca no gênero *notícia de jornal* que circula em Alagoas, procurando compreender que discursos circulam e que sentidos são forjados sobre esse fenômeno, se são discursos de convivência com a seca ou de enfrentamento a ela.

Para realizar essa análise, focalizamos na área da Linguística Aplicada (doravante LA), que se afilia ao modelo interpretativista de fazer pesquisa, interessando-se em analisar os discursos para interpretar como as práticas sociais constroem as práticas discursivas, assim também como as práticas discursivas constroem as práticas sociais, mobilizando, assim, a leitura enunciativo-discursiva, entendendo o texto como um enunciado que envolve um sujeito, o “eu”, que fala para “outro”. Na leitura enunciativo-discursiva, vamos procurar respostas para questões como: quem produziu o texto? Para quem foi produzido? Qual o papel social?, dentre outras. Dessa maneira, serviram de base teórico-metodológica Albuquerque Jr. (2011; 2014; 2017); Bakhtin (2016); Molion (2016), Moita Lopes (2006); Bazerman (2015); Bortoni-Ricardo (2008); Santos Filho (2012), dentre outros

Esse estudo torna-se relevante uma vez que proporciona a ampliação de uma postura proativa, com capacidade para lidar de forma crítica com os usos da linguagem, percebendo que através da linguagem é que se constrói o mundo, e não ao contrário, além de construir novos olhares para a territorialidade. É importante também pois possibilita ir além de só estudar conceitos da teoria, possibilitando a prática da pesquisa, refletindo, assim, sobre os objetos empíricos.

Esse trabalho está dividido em quatro etapas, nas quais, no primeiro momento falamos da área na qual a pesquisa está situada, a LA, apresentando a LA como uma área no modelo interpretativista de fazer pesquisa, aquele que leva em consideração o social e não apenas o sistema da língua, discutimos também sobre a metodologia a ser utilizada, “a etnolinguística da fala viva”. Em seguida, apresentamos um histórico da seca e da região Nordeste, argumentando como os discursos sobre seca e Nordeste estão imbricados no imaginário das pessoas, fazendo, assim, um percurso sobre como surgiu essa região e como a seca está atrelada a essa invenção, assim, explicamos como essa invenção está atrelada ao

discurso da estereotipia. Logo depois, fazemos a análise do *corpus* e, por fim, as considerações finais.

### **Linguística Aplicada: por uma “etnolinguística da fala viva”**

Como já foi mencionado, para fazermos nossa análise, focalizamos na área da LA, de modelo interpretativista de fazer pesquisa, tendo o social como um dos principais componentes. Nesse modelo de estudo, não interessa estudar a língua em si e por si, e sim analisar os discursos, para interpretar como as práticas sociais constroem as práticas discursivas, e vice-versa, procurando saber de que maneira as estruturas linguístico-discursivas são usadas para construir os efeitos de sentidos desejados, interpretando os discursos e como esses “influenciam” e são “influenciados” a/pela sociedade. Ou seja, procura-se “respostas” na própria sociedade. Entende-se que a língua(gem) é um processo que acontece durante a interação de um “eu e um “outro”, situados social, cultural e historicamente. No Brasil, um dos maiores pesquisadores de LA é o professor Luiz Paulo da Moita Lopes, que faz uma discussão bastante interessante em seus textos, discutindo sobre “*a necessidade de pensar uma Linguística Aplicada (LA) que dialogasse com teorias que estão atravessando o campo das ciências sociais e humanas*” (MOITA LOPES, 2006, p.14).

Sobre o paradigma interpretativista, Bortoni Ricardo (2008) diz que

(...) não há como observar o mundo independente das práticas sociais e significados vigentes. Ademais, e principalmente, a capacidade de compreensão do observador está enraizada em seus próprios significados, pois ele (ou ela) não é um relator passivo, mas um agente ativo. (BORTONI-RICARDO, 2008).

Porém, ao realizar uma pesquisa por um viés interpretativista, não significa, no entanto, que se deixa de lado totalmente o trabalho com a descrição, pelo contrário, na análise é necessário observar e descrever os usos linguísticos para depois interpretar, procurando saber o porquê de determinadas escolhas linguístico-enunciativos e não outras.

Ao procurar compreender as práticas sociais, a LA procura focalizar nas práticas discursivas e, para isso, busca relações com outras áreas do conhecimento. Para Moita Lopes (2004), a LA é uma área indisciplinar, na qual o foco é a língua em uso, isto é, focaliza na língua(gem), visando a compreensão da vida. E o que significa dizer que um modelo é indisciplinar? Significa dizer que dependendo do caminho que a pesquisa for seguindo, o pesquisador irá buscar respostas na Geografia, na História, nas ciências sociais e humanas, por exemplo, ou em qualquer área, desde que seja relevante para a pesquisa, pois, como diz Moita Lopes (2004),

A área de estudos da linguagem não deve permanecer isolada de outras Ciências Sociais e Humanas. Acredito que só é possível focar mais adequadamente a linguagem em uso...na contemporaneidade se nos familiarizarmos com o que sociólogos, antropólogos, psicólogos sociais e culturais, geógrafos, historiadores, estudiosos da literatura etc. estão apontando sobre

a natureza da vida social de nossos dias. (MOITA LOPES, 2004, p.164).

Nesse sentido, compreendemos que a língua(gem) se dá no processo enunciativo discursivo-discursivo, e o procedimento metodológico, o procedimento de análise, se dá pelo que podemos chamar de “etnolinguística da fala viva”, que, segundo Bakhtin/Volochinov, conforme Santos Filho (2016, p.5), tem como objetivo de estudos

(...) o mundo dos significados, os estudos das relações dialógicas, os processos das atividades de homens e mulheres com e sobre a linguagem nas relações sociais, entendendo que a língua não deve ser separada de seu conteúdo ideológico. Língua e sujeitos são situados (SANTOS FILHO, 2012, p. 50).

Nessa perspectiva, entendemos que em determinada época se pensa de determinada maneira, e dependendo do contexto os usos linguísticos vão se diferenciar, assim, também, como a forma pela qual as pessoas enxergam o mundo.

Dessa forma, é importante trazer para a pesquisa a ideia de texto como enunciação, na qual, segundo Bakhtin/Volochinov (2004 [1929]), o texto é uma manifestação do “eu” em direção a um “outro”, em determinada situação e contexto histórico. Nesse sentido, a enunciação possui duas faces, a do locutor e a do interlocutor, que estão em um contexto histórico, político e social, no qual “*os significados são construídos situacionalmente pelos participantes na interação, na medida em que interpretam a intenção nas palavras proferidas pelos outros*” (BAZERMAN, 2015, p.163).

Além disso, “*as enunciações respondem a enunciações anteriores, de modo que ‘cada enunciação refuta, afirma, suplementa e conta com as outras, pressupõem conhecidas e, de alguma forma, as leva em consideração’*” (BAKHTIN, 1986 *apud* BAZERMAN, 2015, p.164). Ou seja, o enunciador precisa levar em consideração os seus conhecimentos sobre algo e os conhecimentos do coenunciador. Dessa forma, a enunciação “*é também histórica porque é um ‘elo’ em uma cadeia de enunciado*”. (SANTOS FILHO, 2012, p. 50).

Para uma melhor compreensão dessa relação, no terceiro tópico fazemos a análise das notícias, mas, para que se possa fazer a interpretação de um determinado texto, é importante ter em mente a noção de gênero discursivo, pois, saber qual é o gênero de um texto e quais suas características e funcionalidade é essencial no início de uma análise, pois o gênero é quem “*fornece, então, meios para tipificar e reconhecer o significado e importância de textos, bem como a situação e a atividade de que os textos fazem parte*” (BAZERMAN 2015, p.168).

Nesse sentido, segundo Bakhtin “*cada gênero do discurso em cada área de comunicação discursiva tem sua própria concepção típica do destinatário, e isto o define como gênero*” (BAKHTIN, 1986 *apud* BAZERMAN, 2015, p. 168). Ainda:

(...) conceitua-se gênero a partir de critérios: as condições específicas e as finalidades de cada uma das esferas da atividade humana, o conteúdo temático, a construção composicional e o estilo. Nesse contexto, os gêneros têm uma forma relativamente estável, que os falantes reconhecem e usam, uma vez que a linguagem só se realiza em gêneros. (BENASSI, 2007, p.1792).

Com essa abordagem, falamos um pouco sobre a LA, área que focaliza a língua em sua relação com as práticas sociais. Discutimos, também, a respeito da noção de indisciplina nessa área e apresentamos o procedimento teórico-metodológico utilizado para fazer a análise, que se dá pelo que podemos chamar de “etnolinguística da fala viva”. No próximo tópico, apresentamos uma discussão sobre como se deu a construção da região que hoje é chamada de Nordeste e de como o fenômeno climático seca está imbricado nessa construção.

## A seca e o Nordeste

Como já foi mencionado, a região Nordeste é uma região semiárida, portanto, como argumenta Molion (2016), o sintagma “*seca no Nordeste*” é pleonástico. Dessa maneira, esse é um clima que sempre existiu nessa região, não sendo algo do momento, e sim algo histórico, e que precisa ser visto como tal, assim também perceber que não é apenas um fenômeno exclusivo da região. Mas, a pergunta que fazemos é: essa região conhecida por Nordeste sempre existiu? Não é a resposta! Segundo Albuquerque Júnior (2011), nem sempre a região hoje denominada Nordeste foi assim conhecida. Logo, ela não é uma região natural, tendo surgido a partir de 1910, de necessidades provindas das mudanças que vinham ocorrendo na sociedade, tendo a seca como um dos principais aspectos para o seu surgimento. Esse historiador argumenta que foi uma região discursivamente construída, através de discursos estereotipados, aqueles que definem o outro em poucas palavras, apagando as diferenças que existem, pegando poucas características comuns e colocando como se fossem únicas. Nas palavras do autor,

O discurso da estereotipia é um discurso assertivo, repetitivo, é uma fala arrogante, uma linguagem que leva à estabilidade acrítica, é fruto de uma voz segura e autossuficiente que se arroga o direito de dizer o que é em poucas palavras. O estereótipo nasce de uma caracterização grosseira indiscriminada do grupo estranho, em que as multiplicidades e as diferenças individuais são apagadas, em nome de semelhanças superficiais do grupo. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 30).

Nesse sentido, portanto, esses discursos configuram-se como um conjunto de fragmentos imagéticos e enunciativos, uma construção histórico-discursiva, que constrói a subjetividade das pessoas, pois essas incorporam e repassam tais discursos. A esse respeito, é possível afirmar que o fenômeno da seca é o motivo pelo qual a estereotipia seja mantida. Mas, porque isso acontece(u)?

Isso ocorreu devido às novas relações de trabalho que vinham surgindo com o avanço da modernidade, a partir do século XIX, já que os camponeses deixaram de ser livres e passaram a participar das novas relações de trabalho, no bojo do capitalismo, em uma relação de exploração. Foi exatamente durante esse período de mudanças sociais que ocorreu a grande seca de 1877, passando, portanto, a ser vista como a culpada de todo o sofrimento da população. Como Albuquerque Junior (2016, p.72) argumenta, “*a seca de 1877 e as seguintes surgem como síntese de uma situação de crise do mundo tradicional e sua substituição por relações onde predominam um novo tipo de exploração e dominação*”.

A elite nortista se utilizou desses discursos para conseguir verbas para a região, argumentado que o Norte era uma região necessitada por causa da seca e que necessitava de recursos, diferenciando-se das demais. Dessa forma, o que antes era apenas a região Norte, a partir desses discursos da elite se separa em região Norte e Nordeste. A partir desse fato, surge um discurso do que seria o Nordeste e, assim, também o nordestino, passando a serem vistos tanto pela mídia, como na fala das pessoas, como sendo o lugar da fome, da miséria, da seca, dos homens e mulheres rústicos, sem modernidade, enfim, um Nordeste estereotipado, já que existem outros modos de ser que são apagados. Assim, à medida que esses discursos são repetidos vão sendo inventados o Nordeste e os nordestinos. Nesse sentido, *“o próprio Nordeste e os nordestinos são invenções destas determinadas relações de poder e do saber a elas correspondentes”* (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 31).

Dessa maneira, vemos como surgiu a região Nordeste, sendo inventada através dos discursos de poder, e como a seca está atrelada a essa invenção, bem como esses discursos constroem ao mesmo tempo sua população através de um discurso estereotipado. Fazer esse percurso foi imprescindível para compreensão dos discursos presentes nas notícias em análise, já que se trata de enunciados que constroem uma visão de mundo, nesse caso uma visão do que seria a seca e o sertão alagoano e sua população. Passemos agora à análise.

### Uma análise linguístico-enunciativa da notícia de jornal

26

O *corpus* selecionado para a análise está constituído de notícias de jornais, de modo a perceber como a seca é nomeada/caracterizada e quais os significados são construídos, buscados respostas para algumas perguntas, tais como: Que noção acerca de seca é trazida pelas notícias? Quais significados a respeito de sertão, semiárido e Nordeste são construídos? O discurso da seca e do homem pobre do campo visto partir da seca de 1877 ainda se mantém nos dias atuais?

Vejamos agora a análise de duas notícias que falam sobre a seca, a primeira publicada no dia 28/09/2016, às 10h08, disponível em < [encurtador.com.br/allmv](http://encurtador.com.br/allmv) > e a segunda publicada no dia 21/02/2017, às 15h11, disponível em < [encurtador.com.br/hknG7](http://encurtador.com.br/hknG7) >, com meu acesse em 20 de novembro de 2017. Foram escolhidas notícias de anos diferentes, de modo a perceber se diferem no modo como tratam a seca.

A primeira notícia analisada está intitulada “União reconhece situação de emergência em 40 municípios de AL”, conforme vemos na sequência:

**Figura 01:** Notícia sobre o reconhecimento da situação de emergência em Alagoas.



**Fonte:** G1 Globo (2016).

Para a análise, primeiramente foi preciso compreender que o gênero notícia de jornal, assim como o nome já diz, é um gênero que pertence à esfera jornalística e que difere dos demais gêneros por possuir características específicas que o definem. Ou seja, o papel da notícia é a divulgação de informação, mas não qualquer tipo de informação, e sim aquelas informações mais relevantes para a sociedade. Além disso, só passa a ter valor jornalístico se tratar de um assunto atual, como diz Benassi (2009), ao argumentar que

Notícias têm valor jornalístico apenas quando acabaram de acontecer, ou quando não foram noticiadas previamente por nenhum veículo. Nem todo texto jornalístico é noticioso, mas toda notícia é potencialmente objeto de apuração jornalística (BENASSI, 2009, p.1793).

As principais características são: texto em terceira pessoa (distanciamento em relação ao fato); concreto; objetivo. “*Já as marcas linguístico-enunciativas mais visíveis nesse gênero são: a estrutura com lide, linguagem intermediária, poucos adjetivos dando ênfase aos **substantivos** e **verbos**, os quais devem impressionar o leitor*”. [grifo nosso] (BENASSI, 2009, p. 1796).

Sendo assim, tratando-se de um enunciado, exige uma relação de enunciador e um coenunciador, relação que não acontece de forma direta, mas indireta. Na dimensão social, a notícia divulga informações de todas as áreas, desde a política até a saúde. Quem a produz? E para quem se dirige essa notícia? À população que deseja estar informada dos acontecimentos que vêm ocorrendo na sociedade. Nesse caso, em especial, à população da região de Alagoas e aos sertanejos e sertanejas, especificamente.

Seu veículo de circulação pode ser tanto em jornais impressos, jornais apresentados na TV, além de ser veiculadas *on-line*. A notícia selecionada para análise, por exemplo, é de um jornal *on-line*, portanto, o seu acesso à população torna-se mais restrito às pessoas que têm acesso à internet, ou por um computador, ou por um *mobile*.

Nessa primeira notícia, pelo título “União reconhece situação de emergência em 40 municípios de AL”, percebe-se que o enfoque principal é a “situação de

emergência” que vem ocorrendo no Estado de Alagoas, ou seja, não é qualquer situação, e sim uma situação séria e que precisa ser resolvida no momento. A notícia vem trazendo “pistas” do que seria essa “situação de emergência”, quando menciona, por exemplo “...as **dificuldades** enfrentadas pelos agricultores **por causa da falta de chuva** nos municípios”, no sentido de que a causa dessa “situação de emergência” séria foi “por causa da seca e da falta de chuva nas regiões”.

No primeiro parágrafo, volta a especificar que a causa dessa situação é a seca, quando diz: “a situação **foi decretada/devido** à seca nas regiões”. Nesse caso, a construção sintática “foi decretada” é construída com o verbo auxiliar “ser” e o particípio de verbo “decretar”, sendo, dessa forma, usada na voz passiva, estando a “situação [de emergência]” recebendo a ação de ser decretada. A informação é considerada um assunto atual, já que faz parte do cotidiano da população sertaneja alagoana, devido ao clima do Sertão ser semiárido.

Na dimensão social, como já pontuamos, a notícia divulga informações de todas as áreas, desde a política até a saúde. Essa, por exemplo, faz parte da esfera política, pois fala de governo, de ações políticas, mais especificamente das ações que o governo vem fazendo no Estado de Alagoas, a ação que o governo federal faz de reconhecer a situação de emergência em 40 municípios do estado alagoano, tal como vem informando no título: “União reconhece situação de emergência em 40 municípios de AL”.

Em se tratando de um gênero discursivo, os usos linguísticos não são colocados aleatoriamente; são pensados de forma a conseguir produzir os efeitos desejados, ou seja, *“as escolhas que faz de léxico, morfologia e sintaxe não são aleatórias, ao contrário, são realizadas pensando no outro que lerá esse enunciado”* (SANTOS FILHO, 2012, p. 35). Assim, o verbo usado no título, por exemplo, é apresentado no presente do indicativo, forjando a ideia de algo que está acontecendo no momento. A função de adjetivo presente no sintagma “situação **de emergência**”, que é construída empregando uma locução formada de uma preposição mais um substantivo, é posta para dizer que não é qualquer situação, e sim uma situação muito séria, e que precisa ser resolvida rapidamente, já que o significado de “emergência” é usando fazendo referência a uma situação crítica, com ocorrência de grande perigo, precisando de rápida intervenção.

A partir do segundo parágrafo, vemos o verbo “reconheceu”, usado no passado, e os verbos “divulgada” e “decretada” usados no particípio, gerando nesses últimos a ideia de adjetivo. Ao afirmar que “reconheceu”, a notícia argumenta que a situação já está lá dada, mas, como vimos em Albuquerque Júnior (2011), não existe uma região já dada, pelo contrário, é construída por meio dos discursos, sendo, portanto, um conjunto de fragmentos imagéticos e enunciativos. Ainda segundo o historiador, sobre a parte física da região, é gerada uma produção de sentido. Logo, dessa forma, os sentidos podem ser mudados. Nas palavras do autor, *“o Nordeste [sertão/semiárido] nasce onde se encontra um poder de linguagem. Onde se dá a produção imagético e textual das espacializações das relações de poder”* [inserção nossa] (ALBUQUERQUE JR, 2011, p. 33).

Ainda no mesmo parágrafo, a notícia fala das “dificuldades **enfrentadas** pelos agricultores **por causa da** falta de chuva nos municípios”. Ao utilizar a palavra “enfrentadas”, percebemos que o discurso que a notícia traz é um discurso de enfrentamento da seca. Mas, será que a seca pode ser enfrentada? Pode-se acabar com ela? Não, pois como vimos em Molion (2016), a seca faz parte do clima

natural da região, configurando um *déficit* hídrico, já que, como pontuei, chove cerca de 500mm a 800mm, enquanto a demanda de evaporação é da faixa de 2.500mm. Dessa maneira, com o uso de “por causa de”, culpa a seca mais uma vez. Também vemos aí o oposto da seca, a chuva. Ou seja, os agricultores plantam e, por causa da **falta de chuvas**, sofrem.

É importante frisar que a notícia traz uma ideia de seca e de chuva como sendo coisas opostas, quando coloca reconhecimento foi por causa da seca e da falta de chuva nas regiões. Mas se tratando de um clima, uma está atrelada à outra, pois só há a seca porque chove pouco. Além disso, quando coloca “**dificuldades** enfrentadas pelos agricultores”, constrói também uma imagem de pessoas sofridas, construindo sobre as pessoas da região um discurso estereotipado, como visto em Albuquerque Júnior (2011, 2004, 2017), aquele discurso que constrói a imagem da população Nordestina/sertaneja como sendo de pessoas pobres, sofridas, tristes – pegando características comuns e as generalizando, esquecendo das diferenças, tendo a seca como a culpada por esse sofrimento.

O discurso da seca presente nessa notícia, é, portanto, um discurso que culpa a seca pelos problemas que ocorrem na sociedade, problemas muitos sérios, reconhecidos pelo uso da palavra “emergência”. E sendo a seca considerada culpada, é necessário criar medidas para **enfrentá-la**, ficando isso evidente no quarto parágrafo, pois, segundo a notícia, é preciso “...adotar medidas para o **combate** à situação”.

Esse é, portanto, um discurso que se assemelha aos discursos criados pela elite nortista para conseguir verbas, discursos de poder, que segundo Albuquerque Júnior (2004; 2011; 2017), foram construídos a partir da seca de 1877-1879, culpando a seca pelos problemas da sociedade, apagando as outras mudanças sociais que vinham ocorrendo. Vemos isso também no terceiro parágrafo, quando diz: “...com a situação de emergência reconhecida, os municípios podem ter acesso aos programas federais de fornecimento de água tratada, como a Operação Carro-Pipa...”. Vemos que, ao ser “reconhecida”, com o uso de um verbo que está no particípio do passado, indicando um adjetivo, no caso, o fato da situação de emergência ser reconhecida, atribui significados de que a seca já estava lá, apenas não tinha sido admitida ainda. Nesse tipo de discurso, percebe-se que são apagadas as possibilidades de criação de outras políticas públicas para conviver com a seca. Ao rotularem a seca de vilã, tira-se, em grande medida, a responsabilidade dos governantes para a criação de programas de convivência com o semiárido, com o Sertão.

Nessa dimensão, esse discurso está dialogando com outros discursos já vistos anteriormente, tal como em filmes e novelas, por exemplo, nos quais o Nordeste e o(a)s nordestino(a)s, o Sertão e os sertanejos e sertanejas, são construídos de forma estereotipada; o sertão é o lugar seco, sem vida, de pessoas duras, sofridas. Isso pode ser percebido na segunda notícia também. Vejamos!

**Figura 02:** Notícia que informa sobre o decreto da situação de emergência em Alagoas



O Governo do Estado decretou situação de emergência devido à seca para 77 municípios de Alagoas. A informação foi publicada no Diário Oficial do Estado (DOE) desta terça-feira (21), e tem validade por um período de 180 dias.

Em agosto de 2016, o governo decretou a situação de emergência em 40 municípios.

**Fonte:** G1 Globo (2017).

O título dessa segunda notícia é “Governo de AL decreta emergência por conta da seca em 77 cidades”. Nessa, de 2017, já ocorrem algumas mudanças em relação à notícia publicada em 2016, analisada anteriormente, tais como: o verbo não é mais “reconhecer”, e sim “decretar”, porque nessa notícia não está falando mais da União, o Governo Federal, e sim, como está posto no título, do Governo do Estado, que **decreta**. Ao falar que esse governo “reconhece” quer dizer que está admitindo como verdadeiro algo que já foi dito anteriormente. Já com o uso de “**decreta**”, nesse contexto, é a decisão legal que a autoridade tomou, ou seja, uma decisão a respeito das cidades que, segundo a notícia, estão sofrendo devido à seca. Existe, nesse caso, uma relação de hierarquia, de dependência: o governo no Estado “decreta” a situação e o Governo Federal “reconhece”, para só assim liberar e enviar verbas para a região.

Uma observação é que de 2016 para 2017 houve um aumento em 37 cidades em **estado de emergência**, segundo está posto no jornal, como no terceiro parágrafo, quando a notícia informa que “o número de municípios que tiveram a situação de emergência decretada subiu para 77”.

No primeiro parágrafo, informa que a “situação de emergência é **divido à seca**”. Aí, vemos o uso do particípio do verbo “dever”, com valor de causa, admitindo a seca como sendo a culpada da situação de emergência. No quarto parágrafo, é explicado o porquê da situação de emergência, ao afirmar que “os reservatórios de água dos municípios estão comprometidos, prejudicando, por sua vez, o abastecimento de água da população, além da baixa quantidade de chuva nos municípios”. No final desse parágrafo, vemos o uso de “ações emergenciais de

**combate à seca**”, expressão na qual o substantivo no plural “ações” é qualificado com “emergenciais”, sintagma que é caracterizado como sendo “de combate” no sentido de enfrentar e acabar com a seca, como se isso fosse possível.

Além disso, podemos observar nessa notícia uma imagem, que não é qualquer imagem, mas a de um homem apontando para o chão seco e sem nenhuma plantação, a chamada foto jornalística, que não é escolhida de maneira aleatória, e sim pensada para chamar mais atenção para a situação que a notícia quer construir, confirmando-a.

Com a imagem e o corpo da notícia, esse texto jornalístico segue o mesmo padrão do anterior, repetindo o discurso de “combate à seca”, afirmando que é preciso enfrentá-la, no sentido de que se deve procurar meios para acabar com ela. Mas, como já vimos em Molion (2016) e em Albuquerque Junior (2011), não é possível esse enfretamento, já que se trata do clima natural da região. Ou seja, os discursos das duas notícias são praticamente iguais. Nesses, Alagoas está passando por uma situação crítica de seca, em 40 cidades em 2016 e em 77 cidades em 2017, necessitando, portanto, de verbas para o seu combate.

Podemos, então, concluir que, de acordo com as notícias, do ano de 2016 para o ano de 2017 houve um aumento de 37 cidades em situação de emergência. Isso pode ter ocorrido devido a alguns fatores, como por exemplo, as chuvas podem ter diminuído; e principalmente, a falta de ações concretas do governo para convívio com esse clima, já que apenas a operação Carro Pipa é insuficiente, pois resolve a situação de falta de água apenas por um período, de maneira paliativa.

Dessa maneira, podemos compreender essa situação como um ciclo vicioso, em que os municípios pedem o decreto, o governo do estado decreta e a união reconhece esse decreto, um ciclo que se repete ano após ano, como no exemplo de 2016 e 2017. A primeira notícia, por exemplo, teve o reconhecimento da União do dia 28 de setembro de 2016, como informado, tendo o governo do Estado decretado a situação de emergência no dia 24 de setembro daquele ano.

Logo, conclui-se que há uma hierarquia envolvendo esse ciclo, no qual se encontra no topo o governo Federal, logo depois o governo do Estado e, por fim, o governo municipal, sendo o ponto de partida, pois os municípios veem nessas ações do governo uma forma de diminuir a escassez de água, pelo menos compreendemos que essa é a visão da população, mas que as vezes acaba sendo a menos beneficiada. Mas, essa é uma discussão que não cabe aqui, no momento.

## Considerações Finais

O presente trabalho teve como objetivo fazer uma análise do discurso sobre a seca presente em notícias de jornais, procurando demonstrar o que a notícia diz e como diz sobre a seca. Assim, diante do que foi analisado, é possível afirmar que o que se diz como discursos de **convivência** com a seca é na verdade discursos de **enfrentamento** dessa.

Podemos perceber com a análise dessas duas notícias que, apesar de uma ser de 2016 e a outra de 2017, em ambas é percebido o mesmo discurso, aquele que coloca a seca como culpada dos problemas da região, precisando essa ser enfrentada, combatida, e não um discurso de convivência, como na expressão “adotar medidas para combater a seca”. Além disso, uma dialoga com a outra, não apenas no fato de tratarem da seca, mas também na forma como tratam a seca.

Ambas falam de decreto para conseguir verbas, como o decreto de 2016 já havia espirado, como informado a notícia, formularam outro discurso para conseguirem mais verbas em 2017. Isso acontece porque se tratando de um enunciado, como vimos, esse não vai surgir do nada, e sim através de enunciados anteriores, refutando-o ou reafirmando-o.

Dessa forma, o que se pode interpretar nas notícias analisadas é que em ambas a seca é caracterizada como sendo a culpada dos problemas vividos pela população. Na primeira notícia, aparece uso como: “a situação foi decretada **devido à** seca nas regiões”. Na segunda, temos: “Governo de AL decreta emergência **por conta da** seca em 77 cidades”, “situação de emergência é **divido à** seca”.

Portanto, trata-se de um discurso político que não compreende a seca como sendo um fenômeno natural da região, já que se trata de uma região semiárida, em que ocorre um *déficit hídrico*, sendo, portanto, um clima natural da região, que necessita de políticas públicas para se conviver com ela. Mas, sim, um discurso de enfrentamento. Isso ocorre porque são discursos de poder, que visam o lucro, construindo, assim, significados acerca da seca e deixando de lado o histórico desse clima.

### Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Munis de. A poesia do sol: o discurso popular sobre a seca. In: SILVA, Gian Carlos de Melo; GOMES, Gustavo Manoel da Silva (Org). **Memória, história e cordel em Alagoas: teorias, práticas e experiências.** Maceió. EDUFAL, 2004.

\_\_\_\_\_. **A invenção do Nordeste e outras artes.** São Paulo: Cortez, 2011.

\_\_\_\_\_. É preciso dissolver esse Nordeste! 10min 26seg. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=tZ e-EK19Y> > Acesso em 22 de mar. de 2017.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso.** São Paulo: Editora 34, 2016.

BAZERMAN, Charles. Enunciados e seus significados. In: \_\_\_\_\_. **Teoria da ação letrada.** São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 163-180.

BENASSI, Maria Virginia Brevilheri. O gênero “notícia”: uma proposta de análise e intervenção. In: **CELLI** – Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários. 3, 2007, Maringá. Anais... Maringá, 2009, p. 1791-1799.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Postulados do paradigma positivista. In: \_\_\_\_\_. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa.** São Paulo: Parábola Ediorial, 2008, p. 13-18.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Uma linguística aplicada mestiça e ideológica; interrogando o campo como linguista aplicado. In: \_\_\_\_\_. (org.) **Por uma linguística aplicada indisciplinar.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 13-27.

\_\_\_\_\_. Contemporaneidade e construção de conhecimento na área de estudos linguísticos. In. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 159-171, 1º sem, 2004.

SANTOS FILHO, Ismar Inácio dos. A crítica ao estruturalismo e ao formalismo, a enunciação concreta: Bakhtin/Volochinov. In: \_\_\_\_ **Fundamentos da Linguística II**. Maceió, 2012. p. 40-54.

\_\_\_\_\_. Do Dialogismo Bakhtiniano: interdiscurso e intertextualidade. In: \_\_\_\_\_. **O que é uma leitura enunciativo-discursiva?** Arapiraca: UNEAL, 2012. p. 32-38.